

Número Especial

120 anos Fundação Visconde de Cairu

Fundação Visconde de Cairu: 120 anos depois, eu também faço parte desta história – reflexões de um estudante com deficiência

*Visconde de Cairu Foundation: 120 Years Later, I Am Also Part of This History –
Reflections of a Student with a Disability*

Diogo Magno Rocha Santana¹

Fundação Visconde de Cairu, Salvador – BA, Brasil

Resumo: Este texto é uma narrativa na qual celebro os 120 anos da Fundação Visconde de Cairu a partir da minha experiência como estudante-ativista com deficiência no curso de Licenciatura em Pedagogia. Compartilho minhas vivências, desafios e conquistas em diferentes momentos de protagonismo estudantil, evidenciando o compromisso da instituição com a inclusão, a diversidade e a justiça social. Mais do que narrar minha trajetória pessoal e acadêmica, este texto constitui um testemunho de pertencimento e reconhecimento a uma faculdade que, ao formar profissionais comprometidos com a equidade e a humanidade, transforma não apenas o mercado de trabalho, mas também a sociedade.

Palavras-chave: Acolhimento. Diversidade. Graduação. Pertencimento.

Abstract: This text is a narrative in which I celebrate the 120th anniversary of the Fundação Visconde de Cairu based on my experience as a student-activist with a disability in the Bachelor's Degree program in Pedagogy. I share my experiences, challenges, and achievements in various moments of student leadership, highlighting the institution's commitment to inclusion, diversity, and social justice. More than narrating my personal and academic journey, this text stands as a testimony of belonging and recognition to a college that, by training professionals committed to equity and humanity, transforms not only the labor market but also society.

Keywords: Welcoming. Diversity. Undergraduate Studies. Belonging.

¹ Graduando em Pedagogia pela Faculdade Visconde de Cairu. Membro do Grupo de Pesquisa Educação, Diversidade, Inclusão e Equidade (EDIE/FVC). E-mail: contatodiogomagno@gmail.com

Introdução

A Faculdade Visconde de Cairu (FVC) celebra 120 anos de história como uma instituição de Educação Superior comprometida com a excelência acadêmica e a formação de profissionais conscientes, atuantes e socialmente responsáveis. Ao longo de mais de um século, a FVC consolidou-se como referência na educação da população baiana, especialmente da cidade de Salvador, destacando-se como um espaço de saber, diálogo e transformação social.

Nesse percurso, mais do que oferecer uma formação técnica ou teórica, a FVC tem evidenciado, tanto em sua missão quanto em suas práticas cotidianas, um compromisso genuíno com a valorização das trajetórias estudantis e a escuta atenta às diferentes realidades que permeiam o cotidiano de seus/as estudantes. Essa postura humanizada e inclusiva fortalece o sentimento de pertencimento, promove a diversidade, a inclusão e estimula o protagonismo estudantil, fatores essenciais para a construção de uma sociedade mais justa, plural e equitativa.

É nesse contexto que apresento este relato, elaborado no marco dos 120 anos da Fundação Visconde de Cairu, em que compartilho minha trajetória como estudante-ativista com deficiência no curso de Licenciatura em Pedagogia da Cairu, na modalidade de Educação a Distância (EAD). Por meio das minhas vivências, trago à tona desafios, conquistas e experiências em diferentes espaços de protagonismo estudantil, demonstrando o compromisso da instituição com a inclusão, a diversidade e a justiça social.

Assim, mais do que um relato pessoal, este texto configura-se como um testemunho de pertencimento e reconhecimento a uma instituição que, ao formar profissionais comprometidos/as com a diversidade, a inclusão, a equidade e a humanidade, contribui significativamente para a transformação tanto no mundo do trabalho quanto da sociedade. Dessa forma, a história da FVC ultrapassa a simples celebração de um legado acadêmico, reafirmando seu papel fundamental na promoção de valores que inspiram mudanças sociais profundas e duradouras.

A busca por uma faculdade feita por gente

Iniciei a graduação em Pedagogia em 2023, logo após concluir o Ensino Médio, movido pelo sonho de trilhar uma vida acadêmica estruturada e significativa. A minha

primeira experiência ocorreu numa faculdade privada da cidade de Salvador, também na modalidade EAD. Cheguei a cursar um semestre, mas acabei por trancar a matrícula, pois sentia um constante vazio: a incompletude, a solidão e a ausência de acompanhamento por parte de professores/as e da própria equipe administrativa. Compreendi, então, que não procurava apenas um diploma, mas sim uma instituição que me oferecesse suporte humano, incentivo e verdadeiro compromisso com a formação dos/as seus/suas estudantes, mesmo no formato a distância.

Foi nesse contexto que, ao conversar com uma amiga que estuda Pedagogia na modalidade EAD, na Fundação Visconde de Cairu, tive a oportunidade de conhecer melhor a dinâmica dessa formação na Cairu. O entusiasmo com que ela descreveu as aulas, a organização pedagógica e os recursos disponibilizados despertaram de imediato o meu interesse. Assim, mesmo sem possuir ainda um conhecimento aprofundado sobre a instituição, decidi me matricular e retomar a minha trajetória acadêmica, reingressando na graduação.

Desde o primeiro contato com a coordenação do curso, senti um acolhimento que não havia experienciado na outra instituição. Foi uma sensação indescritível perceber o cuidado com que a Cairu trata os/as seus/suas estudantes, promovendo desde o início um verdadeiro sentimento de pertencimento, tanto para os/as calouros/as quanto para os/as veteranos/as. Acostumado a um ensino a distância frio, engessado e altamente automatizado, confesso que a transição para a realidade da FVC foi um verdadeiro refrigerio para a minha autoestima intelectual.



Em pouco tempo, consegui integrar-me plenamente à metodologia do curso e ao ritmo da turma, encontrando um espaço propício para a construção de aprendizagens significativas. Desde então, tenho procurado manter uma atuação ativa e participativa dentro da instituição.

Uma das minhas marcas mais evidentes é a defesa da comunicação aberta e da luta por uma educação equitativa, inclusiva e verdadeiramente acolhedora para todos os/as estudantes. A Cairu distingue-se justamente por esta essência: é uma

instituição diversa, dinâmica e comprometida com a pluralidade, não apenas no discurso, mas sobretudo na prática cotidiana em todas as suas modalidades de ensino.

Reflexões sobre ser um homem com deficiência numa turma majoritariamente feminina

Ser um homem com orientação sexual distinta da heterossexualidade em um curso historicamente marcado pela presença feminina, majoritariamente composto por mulheres evangélicas, é vivenciar, diariamente, uma série de preconceitos muitas vezes disfarçados de “opiniões”. Essas manifestações são, em grande parte, sustentadas por discursos de base fundamentalista e por uma visão conservadora da educação e dos chamados “bons costumes”, que marginalizam tudo aquilo que foge às normas socialmente estabelecidas.

Neste contexto, dialogar sobre diversidade, inclusão e equidade na Educação Superior exige, portanto, uma ruptura com o modelo universitário tradicional, historicamente branco, cisheteronormativo e elitista. Como adverte Veiga-Neto (2003), muitas instituições mantêm um discurso progressista, mas suas práticas cotidianas ainda operam pela negação das diferenças. Essa incoerência se revela, por exemplo, na fragilidade das políticas de permanência estudantil, no despreparo de docentes para lidar com a pluralidade de seus/suas estudantes e na escassez de conteúdos que problematizem as desigualdades sociais (Santana, 2025).

Para Mantoan (2006), a diferença deve ser compreendida como uma experiência educativa enriquecedora e não como um desvio da norma. No entanto, no contexto da Educação Superior, ainda é comum observar práticas que reproduzem exclusões sutis ou explícitas, mesmo em instituições que defendem discursos inclusivos. É urgente, portanto, que a diversidade seja compreendida como valor central, não apenas como um dado estatístico ou elemento decorativo dos discursos institucionais, mas como um princípio ético, pedagógico e político (Santana, 2025).

Promover a diversidade, a inclusão e a equidade na Educação Superior, assim como em qualquer outra etapa e modalidade de ensino, como ressaltado no artigo “Para além das leis: reflexões sobre o acesso e a permanência de pessoas com deficiência na Educação Básica”, significa revisar currículos, formar docentes sensíveis às

questões sociais, garantir acessibilidade em todas as suas dimensões e criar ambientes onde todas as vozes possam ser ouvidas, respeitadas e valorizadas (Santana, 2025). Nesse processo, reconhecer que a universidade tem uma dívida histórica com determinados grupos é o primeiro passo para transformar práticas excludentes em experiências de pertencimento.

Apesar desse ambiente social se mostrar, em muitos momentos, resistente ao diálogo sobre diversidade, inclusão e equidade, o currículo do curso de Licenciatura em Pedagogia da Cairu oferece um contraponto potente. Os componentes curriculares são apresentados com base em uma perspectiva crítica, decolonial e progressista, conduzidos por docentes comprometidos/as com a formação de educadores e educadoras capazes de compreender a diversidade como uma expressão legítima da condição humana, e nunca como um problema a ser resolvido.



Nesse contexto, atuo como um discente ativo e participativo em todas as disciplinas, sempre disposto a colaborar, provocar reflexões e enriquecer os debates propostos por professores/as e colegas. Ainda que muitos discursos excludentes não me atinjam diretamente, mantenho-me atento a qualquer manifestação preconceituosa ou desrespeitosa, pois compreendo que silenciar-se diante da opressão é, também, uma forma de compactuar com ela.

Estar na universidade, para mim, é um compromisso ético e político com as lutas das pessoas com deficiência. A minha trajetória acadêmica é atravessada por esse ativismo, e o estudante-ativista que sou está em constante movimento. Nesse processo, encontrei na Cairu uma importante



aliada, ou seja, uma instituição que, desde o início da minha trajetória universitária,

tem apoiado meus projetos e ideias voltadas à produção acadêmica, à ampliação da acessibilidade e ao fortalecimento do protagonismo estudantil.

Esse apoio tem sido fundamental para consolidação de um espaço de formação que vai além da simples preparação para o mercado de trabalho. Ele promove também o desenvolvimento de uma consciência crítica e ética diante das desigualdades sociais. Assim, a Cairu demonstra que formar professores/as não se limita à transmissão de conteúdos. Trata-se, antes, de preparar profissionais comprometidos/as com a transformação da realidade e com o respeito às múltiplas identidades e vivências presentes na sociedade e nos diversos contextos educacionais.

Ao valorizar as diferenças de gênero, raça, classe, orientação sexual, religião, deficiência, entre outras, a instituição reafirma o seu papel como agente de mudança. Dessa forma, fortalece não apenas a formação acadêmica, mas também a formação cidadã dos/as discentes, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, plural e acessível.

Para ilustrar esta perspectiva, recorreremos às contribuições de Boaventura de Sousa Santos (2007), que nos conduzem a refletir sobre a necessidade de romper com a monopolização dos saberes e de construir redes colaborativas de conhecimento. Esses espaços devem, necessariamente, legitimar vozes historicamente silenciadas pela cultura da exclusão social. Essa postura de enfrentamento aos preconceitos e ao elitismo intelectual mostra-se indispensável para o fortalecimento da democracia e para a abertura de caminhos que viabilizem a transformação social.

Ocupar para transformar

Desde 2024, tenho sido frequentemente convidado a ocupar espaços de protagonismo estudantil na Fundação Visconde de Cairu (FVC), o que evidencia o reconhecimento da minha dedicação e do meu engajamento em uma participação ativa e transformadora. Um dos marcos dessa trajetória foi a minha contribuição na Avaliação de Reconhecimento do curso de Licenciatura em Pedagogia EAD pelo Ministério da Educação (MEC), ocasião em que participei da reunião entre os/as

avaliadores/as do MEC e os/as estudantes. Essa experiência ampliou minha visão crítica e reforçou meu compromisso com a qualidade do ensino.

Minha atuação como membro da Comissão Própria de Avaliação (CPA) da Cairu também tem sido fundamental nesse processo. Nessa função, contribuo para a construção coletiva de melhorias institucionais e aprofundo meu entendimento sobre os processos avaliativos e a importância da presença estudantil na definição de políticas educacionais internas. Paralelamente, integro o Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-Saúde), um programa do Ministério da Saúde (MS), que tem como foco a equidade em saúde, considerando a equidade de gênero, identidade de gênero, sexualidade, raça, etnia e deficiência, desenvolvido pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP) em parceria com a Fundação Visconde de Cairu e a Secretaria Municipal de Saúde (SMS) de Salvador.

Complementando essa trajetória, faço parte do Grupo de Pesquisa Educação, Diversidade, Inclusão e Equidade (EDIE/FVC), vinculado ao Núcleo de Pesquisa e Iniciação Científica (NUPIC), sob a coordenação do professor Dr. Jurandir de Almeida Araújo, o qual é meu orientador de iniciação científica. Nesse ambiente de pesquisa e reflexão, venho aprofundando práticas voltadas à diversidade, à inclusão e à equidade, consolidando uma formação crítica, ética e comprometida com a transformação social. Essa jornada, marcada pela ocupação consciente de espaços institucionais, tem reafirmado meu compromisso com uma educação mais justa e inclusiva.



E todos estes convites são pautados pela minha forte atuação e contribuições em torno de uma educação que seja justa, equitativa e inclusiva para todos. Estas oportunidades ofertadas pela Fundação Visconde de Cairu demonstram o seu compromisso efetivo com a justiça social e a luta por igualdade.

Nestes espaços que ocupo, sou extremamente valorizado e impulsionado a continuar contribuindo de diversas formas para a melhoria da instituição. Todos nós que temos algum tipo de relacionamento com a instituição temos as nossas vivências, experiências e trajetórias respaldadas de maneira singular, de modo que

compreendemos coletivamente que a diferença é uma igualdade que nos une. Como ressalta Ribeiro (2017), reconhecer as experiências de sujeitos discidentes que foram historicamente colocados à margem da construção social é fundamental para projetarmos as possibilidades para um futuro mais justo para todos/as. A compreensão de lugar de fala nos desperta para o fato de que todas as pessoas possuem trajetórias únicas e que precisam ser legitimadas e respeitadas, de modo que a diferença seja um elemento de união coletiva.

Considerações finais

Fazer parte de uma instituição centenária como a Fundação Visconde de Cairu representa, para mim, uma vivência profundamente significativa, que alia formação acadêmica de excelência ao compromisso com a transformação social. Ao longo dessa trajetória, pude testemunhar e experienciar uma instituição que, mesmo com mais de um século de existência, permanece atenta às demandas contemporâneas e empenhada em promover uma educação inclusiva, ética e humanizada.

A Cairu demonstra, em sua prática cotidiana, um espírito jovem, inovador e inquieto, características que se refletem na valorização das trajetórias estudantis e na escuta ativa de diferentes sujeitos. Nesse contexto, ocupo espaços de protagonismo, desenvolvo minha autonomia intelectual e fortaleço meu compromisso com a diversidade, com a inclusão, com a equidade e com a construção coletiva do conhecimento.

Sigo, portanto, com o desejo e a convicção de que esta instituição continue a formar profissionais comprometidos/as com a transformação de suas realidades e com a promoção da justiça social. Carrego comigo não apenas o aprendizado acadêmico, mas também a certeza de pertencer a um espaço que reconhece a potência das diferenças e aposta na educação como caminho para a construção de um futuro mais digno, plural e humano.

Referências

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SANTANA, Diogo Magno Rocha. Para além das leis: reflexões sobre o acesso e a permanência de pessoas com deficiência na Educação Básica. **RIC – Revista de**

Iniciação Científica. Salvador, n. 12, v. XII, p. 1-16, jan./jul., 2025, ISSN 2358-1166.
https://www.cairu.br/riccairu/pdf/artigos/12/04_ALEM_LEIS.pdf

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

VEIGA NETO, Alfredo. Escola e inclusão: em nome de quê? In: SKLIAR, Carlos (Org.). **Inclusão e educação: do "especial" ao "inclusivo"**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 147–154.